

HOLMES E FREUD: DETETIVES DO INCONSCIENTE

Nize Nascimento

Prólogo: “Escrever para ser lido, falar para ser escutado. Na mesma época, dois homens, dois médicos, Arthur Conan Doyle e Sigmund Freud, inventam novas práticas cujo eco ainda ressoa. O primeiro obtém a celebridade, criando um personagem que se tornaria emblemático. Sherlock Holmes, acompanhado de seu imprescindível Watson, oferece a seu autor os leitores que ele esperava para seus romances históricos. O segundo descobre que, por detrás das palavras de seus pacientes, se enuncia um discurso oculto. Cada um, à sua maneira, interroga o enigma da alma humana.

A psicanálise não é uma investigação policial. No entanto, a arte do detetive, como a do analista, se concebe no encontro, com tudo o que ele implica de inesperado, de surpresa. O encontro nunca se realiza exatamente ali onde se espera. Freud e Conan Doyle, apesar dos pesares, aceitam o inesperado. Inclusive fazem dele o coração de suas práticas. Sherlock Holmes tem êxito porque não segue os preceitos policiais clássicos. Ele não se fia na evidência, assim como Freud desconfia do discurso manifesto.”

No seu livro *Sherlock Holmes & Cie: détectives de l'inconscient*, Patrick Avrane estabelece um paralelo entre os casos de Sherlock Holmes e o relato dos casos clínicos de Sigmund Freud. O autor mostra que, cada um a seu modo, enfrenta os enigmáticos mistérios da alma: Doyle, mediante a criação de um personagem como Sherlock Holmes e Freud, ao descobrir que a palavra traz oculto um discurso encoberto, ignorado ou denegado, subtraído do controle da consciência.

A figura do psicanalista, em sua poltrona e com seu divã, e a do detetive, com sua lupa e seu gorro, são parte de nossa cultura e “encarnam, tanto um quanto o outro, uma parte deste desejo de conhecer, de resolver ou de curar, que caracteriza o homem”.

Conan Doyle é contemporâneo de Freud.

Seus respectivos trabalhos evidenciam – no meio vitoriano da época – a atração pelo paranormal, pelo telepático e pelo espiritismo. Holmes, tal como Freud, desmitifica o mistério por meio do trabalho indutivo-dedutivo. Esta unificação imaginária, comum aos dois autores, corresponde ao ponto de partida de Patrick Avrane, que descobre muitas outras correspondências. Sugere um Holmes/Conan Doyle e Freud, integrantes, cada um à sua maneira, de um grupo de investigação de enigmas, como detetives do inconsciente que resultam ser.

Holmes interroga os detalhes da cena, ao contrário da leitura da situação em conjunto como fazem os policiais da Scotland Yard. É uma forma de trabalho que corresponde ao que Freud leva a cabo, trilhando a via régia que o leva ao inconsciente reprimido, oculto, denegado, em seu canônico livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900).

O encontro fortuito entre Holmes e Watson corresponderia ao de Freud e Fliess, e a alteração especular que os une. Para Avrane, Holmes e Freud compartilham uma mesma prática: ambos estão em posição de acolher a demanda que cada um apresenta ao outro, incluídas as perguntas intuitivas de Watson.

Freud e Holmes adotam uma escuta flutuante, enquanto ouvem as dificuldades e revelações da fala de quem faz a demanda. Porém, escutam, ainda mais, os detalhes dos relatos que poderão revelar pistas ocultas. Outro complemento valioso será a linguagem corporal, feita de silêncios, movimentos ou gestos reveladores; como também outras pistas: uma ponta de cigarro, um fio de cabelo, uma hora ou um endereço equivocados.

Estes “detetives do inconsciente” estão munidos de uma atitude vigilante e aguda observação. Ante as evidências, reconstroem com cautela, a partir de articulações lógicas, a arte da indução-dedução que lhes imporá a

revelação da verdade.

Para ambos exploradores, a tarefa se apoia no entusiasmo para escrever uma história familiar complexa, que, no caso de Conan Doyle, de maneira psicobiográfica, está centrada em um pai violento e alcoólatra. Para ele, a mulher revela o fantasma de um objeto idealizado, ora distante, ora desprezado com discrição e fingimento. Doyle se oporia ao feminismo, mas ao mesmo tempo defenderia o direito da mulher ao divórcio. História colateral, não obstante, e à margem dos mistérios de Holmes, fica incluída na filigrana de outras histórias, seja a idealização de um amor cortês que põe definitivamente à distância uma sexualidade que o célebre ajudante sente como perigosa.

Avrane sublinha a importância da falta, na trama dos indícios, para que o raciocínio do detetive se coloque em marcha. A capacidade do signo em converter-se em significante, pelo fato mesmo de sua ausência, supõe uma preponderância outorgada à lógica (inconsciente) e ao sentido (escamoteado) da crença e do afeto.

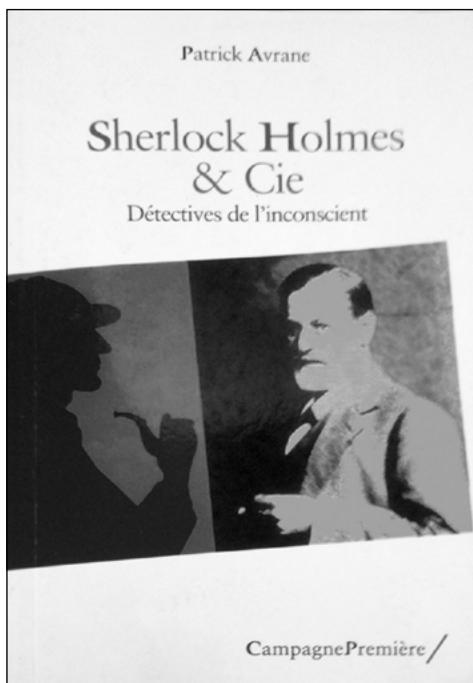
A atitude de Holmes recorda a de Freud por sua neutralidade fundamental. Ele não toma partido, nem emite juízos, para melhor ater-se aos fatos, independentemente dos afetos; como se ambos quisessem proteger-se da sedução que poderá porvir de alguém desconhecido, que se dará a revelar.

Dois fragmentos de conexão associativa:

“Nunca se confie a impressões gerais: deve-se concentrar nos detalhes.” (Conan Doyle, 1892)

“Não se deve tomar como objeto de atenção todo o sonho, senão os fragmentos singulares de seu conteúdo.” (Freud, 1899).

Sherlock Holmes & Cie: détectives de l'inconscient.
Editora Campagne Première, 2012, 202 páginas.
(Nova edição revisada, corrigida e atualizada de
Sherlock Holmes & Cia., detetives freudianos,
Paris, Louis Audibert, 2005).



Nize Nascimento é membro temporário da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro associado da Associação Psicanalítica do Uruguai.